

## José Saramago e Umberto Eco

In Lopes, Nuno (org.), *Seis Passeios pelos Bosques de Umberto Eco*.  
Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, 2023, pp. 11-25.

Carlos Nogueira

Cátedra José Saramago – Universidade de Vigo

José Saramago nasceu em 1922, Umberto Eco dez anos depois; Saramago veio ao mundo numa aldeia portuguesa com um nome comum, Azinhaga, pertencente ao concelho da Golegã, distrito de Santarém, província do Ribatejo, a cerca de 100 km a nordeste de Lisboa, a capital de um país então periférico; Eco abriu os olhos em Alexandria, uma grande cidade italiana na região de Piemonte, com um nome cheio de história e sonante; Saramago não frequentou a universidade, Eco foi um dos mais eminente académicos do século XX e de parte do século XXI. Os dois tiveram vidas ativas e longas (Saramago morreu com quase 88 anos, Eco com 84), foram homens de cultura e de ação cívica. Nascido numa família sem posses, aluno de mérito obrigado a seguir um curso técnico numa escola de ensino profissional, porque a família não o pôde manter no liceu, José Saramago tinha tudo para não ser quem foi. Umberto Eco pôde ter uma formação escolar sem percalços e destacar-se, desde cedo, como filósofo, ensaísta, teórico da comunicação e professor de Semiótica na prestigiada Universidade de Bolonha. Tudo parecia orientado para que estas duas personalidades que acabaram por se tornar universais nunca se encontrassem. Saramago soube subverter as voltas que a sorte lhe tinha reservado e, naturalmente, as linhas da sua vida vieram a ligar-se às de Umberto Eco.

Quando publicou, em 1980, *Levantado do Chão*, o romance que primeiro o tornou amplamente conhecido em Portugal, José Saramago havia já publicado outros dois romances (*Terra do Pecado*, 1947; *Manual de Pintura e Caligrafia*, 1976) e escrito um terceiro, *Claraboia* (1953), que apenas viria a ser publicado postumamente, em 2011, por decisão dos herdeiros; era também autor, em jornais e revistas (como a reputada *Seara Nova*), de crítica literária e de poesia, de contos e de crónicas (umas propriamente políticas, outras mais literárias mas não menos de ideias) que deram a origem a livros como *Os Poemas Possíveis* (poesia, 1966), *Deste Mundo e do Outro* (crónicas, 1971) e *Objeto Quase* (contos, 1978).

1980 é igualmente o ano em que Umberto Eco publica *Nome da Rosa*, um dos romances mais lidos do século XX (e creio, também, do século XXI). Contudo, bem antes de

1980, Eco era já um nome reconhecido um pouco por todo o mundo, lido por estudiosos da literatura, da comunicação e da semiótica, por alunos universitários mas também pelo público em geral (que tinha acesso aos seus textos jornalísticos em periódicos como *L'Espresso*). Livros de ensaio como *O Problema Estético em S. Tomás* (1956), *Obra Aberta* (1962), *Apocalípticos e Integrados* (1964), *A Estrutura Ausente* (1968), *Tratado Geral de Semiótica* (1975) e *Lector in Fabula* (1979) foram e são um sucesso em Itália e internacionalmente.

José Saramago viria a receber o Prémio Nobel de Literatura em 1998, depois de duas décadas em que escreveria um número considerável de romances, todos de alcance universal, como *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986), *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991) e *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), para além de outros títulos notáveis como *Viagem a Portugal* (1981) e peças de teatro como *A Noite* (1979) e *In Nomine Dei* (1993). Com *O Nome da Rosa*, adaptado para cinema em 1986 por Jean-Jacques Annaud, com um êxito que perdura, e com o romance que se seguiu, em 1988, *O Pêndulo de Foucault*, Umberto Eco tornava-se também um romancista mundialmente famoso e com mais impacto ainda no pensamento, na cultura e na mundividência ocidental.

Umberto Eco foi um académico que escrevia já, com menos de 30 anos de idade, livros como os que citei, rapidamente reeditados em Itália e logo traduzidos para línguas como o português, em particular um dos que mais fama lhe granjearam, *Obra Aberta* (1962); Saramago, que começou por ser serralheiro mecânico e teve outras profissões (empregado administrativo, editor, coordenador de um suplemento cultural e editorialista do *Diário de Lisboa*, diretor-adjunto do *Diário de Notícias*, tradutor) antes de se fazer escritor a tempo inteiro, publicou, já com 58 anos, *Levantado do Chão*, romance que foi acolhido pela Editorial Caminho depois de ter sido recusado por outras duas editoras. Este livro nasceu num período em que Saramago, “sem emprego uma vez mais e, ponderadas as circunstâncias da situação política que então se vivia, sem a menor possibilidade de o encontrar” (Saramago, 2022: 16), decidiu, com todos os riscos que daí poderiam advir, dedicar-se “inteiramente à literatura: já era hora de saber o que poderia realmente valer como escritor” (Saramago, 2022: 16). Com esta idade, Umberto Eco estava há décadas na Universidade de Bolonha, continuava a escrever artigos de opinião e ensaios a um bom ritmo, ao mesmo tempo que os anteriores eram reeditados em várias línguas, e via os seus romances *O Nome da Rosa* e *O Pêndulo de Foucault* a permanecerem como um sucesso de vendas. Com 60 anos, Saramago, o autodidata cuja “vida sucedeu como no interior de um

labirinto” (Real; Filomena, 2022: 6), publica *Memorial do Convento*, altura em que começa verdadeiramente a sua independência profissional.

Saramago e Eco encontraram-se, falaram, viajaram e jantaram juntos. Não podemos saber o que disseram um ao outro, que temas discutiram, mas é certo que a empatia e o respeito marcaram esses momentos. A prova temo-la em dois escritos, um de Eco, o outro de Saramago: no prefácio que Umberto Eco escreveu para *O Caderno 2* (2009), e que permanece n’*O Caderno* (2018), que reúne num único volume *O Caderno* e *O Caderno 2*, publicados pela primeira vez em 2009; e no texto “Dias felizes”, datado de 06 de outubro de 2009 e inserido n’*O Caderno* (2009), em que José Saramago escreveu o seguinte, que cito integralmente:

O excelente artigo de Umberto Eco intitulado “Um bloguer chamado Saramago” que havia sido publicado há alguns dias no *La Repubblica*, apareceu hoje no *El País* e aparecerá amanhã nas páginas do *Diário de Notícias*. Esse conjunto de textos breves, batizado por mim para a edição em livro com o nome discreto de *O Caderno*, nasceu com sorte. Passado já ao castelhano, ao catalão e ao italiano, encontrou agora o melhor dos valedores possíveis na pessoa de Umberto Eco, cuja perspicaz análise vem sabiamente temperada pela graça da escrita e pela subtileza do humor. Não tenho o direito de alongar-me, muito menos comentar o que Eco escreveu. Basta-me a felicidade que sinto. Ao correr de todos estes anos, outros livros meus foram acolhidos com generosidade e simpatia, mas nenhum como este. Sou, neste momento, o mais grato dos escritores. (Saramago, 2018: 369)

Este é o antepenúltimo texto dos muitos que Saramago escreveu para o blogue. Se nos lembrarmos de que Umberto Eco é o autor do prefácio (saído primeiro na edição italiana de *O Caderno*, também de 2009) e o penúltimo nome evocado por Saramago quase a fechar o blogue e *O Caderno* (o último nome é o de Maria João Pires), perceberemos a significativa circularidade que aqui se estabelece. Digamos: um diálogo eterno entre dois intelectuais cujas vidas se cruzaram porque um e o outro foram homens de exceção. Explico-me, já a seguir.

Comecemos pela “excepcionalidade” de Umberto Eco e por aquilo em que ela comunica com Saramago. Eco não se ocupou de um dos romances monumentais de José Saramago; escreveu sobre textos curtos do autor de *Ensaio sobre a Cegueira*, reflexões escritas para um blogue, para a internet, esse território infinito da comunicação de massa. O

título do prefácio, “Um bloguer chamado Saramago”, é, só por si, indicativo das intenções de Umberto Eco, erudito que pensa com uma originalidade agudíssima e comunica com uma clareza e um bom humor não menos surpreendente. Quem, a não ser Eco, se lembraria de chamar a Saramago aquilo que ele é (um bloguer) quando escreve para um blogue? Convém notar (para quem não conhecer em profundidade o trabalho ensaístico de Eco no âmbito de produtos a que um certo pensamento elitista não hesita em considerar menores e perigosos para a cultura, como o romance “popular”, a banda desenhada ou o texto publicitário): em 1964, no livro *Apocalípticos e Integrados*, Umberto Eco distanciava-se daqueles a quem, com ironia e humor, chamava apocalípticos: aqueles que viam (e veem) na “cultura de massas” (conceito que o próprio Eco lembrava ser ambíguo e genérico, mas necessário) não mais do que a ruína total, o apocalipse dos verdadeiros valores culturais, da alta cultura. Afastava-se também daqueles cuja visão amplamente otimista radicava na ideia de intelectuais como Marshall McLuhan: a cultura de massas é uma consequência da incorporação democrática das massas no sistema social. Estes, os integrados, “raramente teorizam, e mais facilmente operam, produzem, emitem as suas mensagens quotidianamente a todos os níveis” (Eco, 1991: 26).

Umberto Eco estuda a comunicação de massas sem «conceitos-“fétiche”» (Eco, 1991: 29), sem, por exemplo, ao contrário dos apocalípticos, ver obrigatoriamente um problema na relação entre “indústria cultural” (que remete para máquinas, reprodução em série, circulação massificada e venda de objetos-mercadoria) e cultura (enquanto construção e fruição pessoal e intransmissível). Eco não via na cultura de massas um fenómeno irreduzivelmente mau por ser um produto industrial, como se hoje pudesse “acontecer uma cultura que se subtraia ao condicionalismo industrial” (Eco, 1991: 69). Consideremos esta passagem, para percebermos toda a lucidez de Umberto Eco:

Os problemas são mal colocados a partir do momento em que são mal formulados assim: “é bom ou mau que a cultura de massas exista?” (até porque a pergunta subentende a desconfiança reacionária relativamente à ascensão das massas, e pretende pôr em causa a validade do progresso tecnológico, do sufrágio universal, da educação extensiva às classes subalternas, etc.).

O problema, pelo contrário, é este: a partir do momento em que a situação atual de uma sociedade industrial torna impossível de eliminar aquele tipo de relação comunicativa conhecida como conjunto dos meios

de massa, que ação cultural será possível para que estes meios de massas possam veicular valores culturais? (Eco, 1991: 69)

Dito isto, examinemos o prefácio, que versa sobre textos que existem numa cultura de massas e cumprem exatamente a função equacionada por Eco: a de gerar cultura, pensamento e ação que se prolongam muito para lá do gesto simples de aceder a um blogue e passar os olhos pelos textos que o bloguer (hoje este vocábulo está subsumido, pelo menos em parte, num outro: “influencer”) aí deixa para atrair leitores. Umberto Eco, tal como Saramago assinala, é subtil e bem-humorado na análise, características que lhe foram desde sempre reconhecidas e que mais uma vez se confirmam. Pode não o parecer à primeira vista, se se olhar sem reflexão para o título do prefácio e para o nome de quem o escreveu, mas “Um bloguer chamado Saramago” é um contributo precioso para a compreensão deste livro de Saramago e dos fragmentos que o compõem. Daí o que escrevi atrás, em jeito de contextualização ao pensamento de Eco. Continuemos, cedendo a palavra ao prefaciador, que começa nestes termos:

Curiosa personagem, este Saramago. Tem oitenta e sete anos e (diz ele) alguns achaques, ganhou o Nobel, distinção que lhe permitiria nunca mais produzir nada porque, seja como for, já tem no Panteão o seu lugar garantido (o avaríssimo Harold Bloom definiu-o como “o romancista mais dotado de talento ainda em vida... um dos últimos titãs de um género literário em vias de extinção”), eis que aparece a manter um blogue onde se mete um pouco com toda a gente, atraindo sobre a sua pessoa polémicas e excomunhões vindas de muitos lados – mais frequentemente não por dizer coisas que não deve dizer, mas porque não perde tempo a medir as palavras – e talvez o faça mesmo de propósito. (Eco, 2018: 15)

Ao notar, logo no primeiro parágrafo, “onde se mete um pouco com toda a gente” (Eco, 2018: 15), Umberto Eco está, sem querer, a recordar ao leitor que conhece bem a obra de Saramago as inúmeras crónicas políticas do autor, em particular as que se seguiram ao 25 de Abril de 1974. Em muitas delas, o tom é o mesmo que, em 2008-2009, José Saramago usa n’*O Caderno* para descrever George W. Bush. Eco nota destaca este falar sem eufemismos de Saramago precisamente a propósito de Bush:

E este escritor fantasioso e metafórico vem dizer-nos despreocupadamente que Bush é de uma “ignorância abissal, uma expressão verbal confusa e permanentemente atraída pela irresistível tentação do puro disparate”,

*cowboy* que confundiu o mundo com uma manada de vacas, que “não sabemos sequer se pensa (no sentido nobre da palavra”, “robô mal programado que constantemente confunde e troca as mensagens que leva gravadas dentro”, “mentiroso compulsivo”, “corifeu de todos aqueles outros mentirosos que o rodearam, aplaudiram e serviram durante os últimos anos”? (Eco, 2018: 16)

No segundo parágrafo, Umberto Eco assinala a diferença entre este registo direto e cru e o dos romances, cuja “crítica moral e social” (Eco, 1991: 15) aparece “poeticamente (...) nos modos do fantástico e do alegórico” (Eco, 1991: 15). Esta observação está correta, no essencial, mas não nos podemos esquecer dos momentos em que na ficção saramaguiana a poética do improperio e da indignação é um recurso. Revelar o risível e o obsceno que se escondem por detrás de absurdas perspetivas heroicas e imperialistas: é esta uma das técnicas que Saramago trabalha com uma mestria ímpar. Salazar (e também Mussolini e Hitler) é o rei-impostor que *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, como uma praça pública carnavalesca (Bakhtin, 2018: 146-147), desmascara e ridiculariza diante de todo o mundo, como na sátira menipeia:

Mas há entre os nossos portugueses muita sede de martírio, muito apetite de sacrifício, muita fome de abnegação, ainda no outro dia foi dito por um destes senhores que mandam em nós, Nunca mãe alguma, ao dar à luz um filho, pode atirá-lo para um mais alto e nobre destino do que o de morrer pela sua terra, em defesa da pátria, filho duma puta, estamos a vê-lo a visitar as maternidades, a apalpar o ventre às grávidas, a perguntar quando desovam, que já vão faltando soldados nas trincheiras, quais, ele o saberá, também podem ser projetos para o futuro. (Saramago, 2016: 305-306)

No romance *Levantado do Chão*, temos a voz *desconhecida*, no capítulo sobre a morte de Germano Vidigal, que se faz ouvir ao longo de quase quatro páginas, em duas das quais em diálogo com o médico, enquanto voz do autor, como ficamos a saber numa das falas do dr. Romano. Saramago é, na passagem anterior e na que se segue, um duplo moderno de Juvenal (recorde-se esta sua frase lapidar: “Facit indignatio versum”, *Sátiras*, I, 79), o satírico da indignação, que se celebra como o primeiro exemplo de grande trágico satírico, uma espécie de reformador. Na sátira de Juvenal, o cómico não cumpre a função estruturante que se observa em Horácio, nem se desvenda a comédia da vida com um complacente distanciamento. Em vez da moderação, do humor gracioso e ridente com que

Horácio condimenta a sua filosofia, Juvenal emprega uma dissecação retumbante dos sistemas de vícios e degradações, em acusações desferidas com o entusiasmo de um predicador moral. Também o acento do discurso satírico saramaguiano é retórico, estrepitoso, áspero, austero, reflexo de uma impetuosidade temperamental que protesta com dolorido azedume contra as misérias dos homens e do mundo:

Entretanto, se nos apressarmos, ainda apanharemos o senhor doutor Romano, vai ali adiante, de cabeça baixa, a malita preta pendurada do braço esquerdo e por isso podemos pedir-lhe que levante a mão direita, Jura dizer a verdade, toda a verdade e só a verdade, para os doutores tem de ser assim, estão habituados a fazer as coisas com toda a solenidade, Diga lá, doutor Romano, doutor delegado de saúde, ajuramentado por memória de Hipócrates e suas atualizações de forma e de sentido, diga lá, doutor Romano, aqui debaixo deste sol que nos alumia, se é realmente verdade que o homem se enforcou. Ergue o doutor delegado de saúde a sua mão direita, põe sobre nós os olhos cândidos, é homem muito estimado na vila, pontual na igreja e metucioso no trato social, e tendo-nos mostrado a pura alma, diz, Se alguém tem um arame enrolado duas vezes no seu próprio pescoço, com uma ponta presa no prego acima da cabeça, e se o arame está tenso por causa do peso mesmo que parcial do corpo, trata-se, sem dúvida nenhuma, tecnicamente, de um enforcamento, e, tendo dito, baixou a mão e vai à sua vida, Mas olhe lá, doutor Romano delegado de saúde, não vá tão depressa que ainda não são horas de jantar, se é que tem apetite depois daquilo a que assistiu, faz-me inveja um estômago assim, olhe lá e diga-me se não viu o corpo do homem, se não viu os vergões, as nódoas negras, o aparelho genital rebentado, o sangue, Isso não vi, disseram-me que o preso se tinha enforcado e enforcado estava, não havia mais que ver, Será mentiroso, Romano doutor e delegado de saúde, ganhou como e para quê, e desde quando, esse feio hábito de mentir. Não sou mentiroso, mas a verdade não a posso dizer, Porquê, Por medo, Vá em paz, doutor Pilatos, durma em paz com a sua consciência, fornicue-a bem, que ela bem os merece, a si e à fornicção, Adeus, senhor autor, Adeus, senhor doutor, mas tome um conselho que lhe dou, evite as formigas, sobretudo aquelas que levantam a cabeça como os cães, é bicho de muita observação, nem o doutor Pilatos imagina, vai ficar debaixo dos olhos de todos os formigueiros, não tenha medo que não lhe farão mal, é só para ver se

um dia a sua consciência lhe põe os cornos, seria a sua salvação. (Saramago, 2014: 185-187)

Fiz este desvio pela ficção romanesca saramaguiana não para contradizer Umberto Eco mas para mostrar como a questão da “chicotada crítica” (Eco, 2018: 19), em Saramago, não é absolutamente exclusiva das “pequenas peças periódicas” (Eco, 2018: 19). Eco tem razão, todavia, e sabia do que falava, por experiência própria. Enquanto autor de livros e de textos breves de divulgação e de “crítica de costumes” (Eco, 2018: 19), Umberto Eco encontrava-se em condições de refutar a opinião de quem acreditava que os textos curtos que ele escrevia eram uma consequência dos escritos mais longos:

Não, respondo eu, ensina-me a experiência (mas creio que a ensina a todos os que se encontrarem em situação análoga) que é o impulso de irritação, a dica satírica, a chicotada crítica escrita à pressa, que fornecerá a seguir o material para uma reflexão ensaística ou narrativa mais desenvolvida. É a escrita diária que inspira as obras de maior empenho, e não o contrário.

E pronto, eu diria que nestes breves escritos Saramago continua a fazer a experiência do mundo tal como desgraçadamente ele é, para depois o rever a uma distância mais serena, sob a forma de moralidade poética (e às vezes pior do que é – embora pareça impossível ir mais longe). (Eco, 2018: 19)

Como é bem sabido, o próprio Saramago afirmou que nas suas crônicas estão as raízes de tudo o que a seguir escreveu. Os dois estão de acordo, portanto, se bem que Saramago, que eu saiba, nunca tenha equacionado a questão nos mesmos termos que Umberto Eco. Isto é: nunca terá dito que na origem dos seus romances estariam as composições mais curtas e mais ou menos satíricas. Faz todo o sentido que assim seja: que à sátira suceda um discurso mais distanciado e menos tonitruante. No organismo em convulsão que a sátira é, espírito e corpo são uma unidade indivisível, o que é muito próprio do ser humano enquanto corpo e mente, como já sustentara Bento de Espinosa e hoje cada vez mais a neurociência (penso em António Damásio) confirma. Na sátira há uma topografia mais fortuita ou mais sistemática que se propaga da paixão para o corpo, do corpo para a razão. Este intercâmbio é próprio da sátira, que da transgressão da lógica chega até ao absurdo e do absurdo até à razão (in)disciplinável. Por isso é que Umberto Eco se pergunta se Saramago “estará realmente sempre assim tão zangado” (Eco, 2018: 19) e o define como “mestre da filípica e da catilinária” (Eco, 2018: 19). Este epíteto adequa-se na perfeição a José Saramago e não é pequeno elogio. Eco está a associar Saramago a dois nomes ilustres



da oratória e da indignação: o grego Demóstenes, cujos discursos de denúncia das pretensões imperialistas de Filipe II da Macedónia ficaram conhecidos como *Filípicas*; e o romano Cícero, autor das célebres *Catilinárias*, discursos contra o conspirador Catilina, cujo início é conhecido e marca bem o tom de acusação “violenta”, “virulenta”, “verrinoso”: “Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?”. Impõe-se um esclarecimento em relação ao último daqueles três adjetivos (“verrinoso”): estou a pensar nas não menos famosas, e também de Cícero, *Verrinas*, diatribes contra Verres, que, tal como “filípicas” e “catilinárias”, entrou no léxico comum da área da sátira.

A estes textos mínimos de José Saramago dá Eco o nome de “miniaturas”, muitas das quais são “peças afetuosas” (Eco, 2018: 19), como as dedicadas a Pessoa (não se é português em vão) ou a Jorge Amado, a Carlos Fuentes, a Federico Mayor, a Chico Buarque de Hollanda, que nos mostram que este escritor é pouco invejoso dos colegas e sabe tecer-lhes delicadas e ternas miniaturas” (Eco, 2018: 19). Apesar destas observações, é nos textos verrinosos que Umberto Eco concentra a sua atenção, e o tema saramaguiano em que mais se detém é o da religião, para cujo debate propõe um conceito inovador e provocador que ele oferece a Saramago, de novo com um humor prazenteiro (porém muito sério): a religião tem sido não propriamente o ópio dos povos, mas antes, com mais frequência, “a sua cocaína” (Eco, 2018: 18). Eco está a referir-se, obviamente, na linha de pensamento de Saramago, aos momentos em que a religião tem sido fonte de conflitos sangrentos e de guerras intermináveis. O autor de *O Nome da Rosa* não se esquece de dizer que José Saramago investe contra as religiões, não contra Deus. Saramago não acredita nesse eterno não-ser, como nos diz de diversos modos e frequentemente, tanto n’*O Caderno* como na sua obra literária e noutros textos. Contudo, aceita e respeita a fé individual, a crença que vive dentro de homens e de mulheres e nada pretende impor a quem tem outra visão do mundo. Isto, que para os leitores atentos de Saramago é uma evidência, não o é para outros, e daí o parêntesis lúcido de Umberto Eco: “A sua aversão é contra as religiões (e é por isso que o atacam de vários lados, negar Deus é concedido a todos, enquanto polemizar com as religiões põe em causa as estruturas sociais)” (Eco, 2018: 17). Saramago sai para a rua, digamos, não desaproveita os novos meios de comunicação, atua como voz polémica que sabe argumentar e expressar-se com gravidade numa linguagem sempre apelativa, aforística, de orador que sabe falar para as massas (no melhor sentido do termo). Perante passagens d’*O Caderno* como as que cito já a seguir (do texto, com quatro páginas e meia, “Deus como problema”), ocorrem-me as perspetivas muito argutas de Umberto Eco, mais uma vez no livro *Apocalípticos e Integrados*, onde ele admite que do excesso de comunicação e de

estímulos dos meios de comunicação de massa advém, para um número indeterminado de pessoas, uma “mutação qualitativa” (Eco, 1991: 64) cultural, intelectual e cívica:

Portanto, quer se queira quer não, Deus como problema, Deus como pedra no meio do caminho, Deus como pretexto para o ódio, Deus como agente de desunião. [...]

Também inventámos Deus, mas esse não saiu das nossas cabeças, ficou lá dentro como fator de vida algumas vezes, como instrumento de morte quase sempre. (Saramago, 2018: 73-74)

Também Umberto Eco polemizou e abalou (e abala) a Igreja com *O Nome da Rosa*, romance de qualidade incontestável de um teórico da comunicação de massas que se faz ficcionista também de renome internacional. Este livro, com o distanciamento de que nos fala Eco como próprio dos romances de Saramago, equaciona o problema da ortodoxia da Igreja, a de ontem mas também a de hoje; a Igreja que receava (e receia) o riso, por ver nele o fim do medo do Diabo e o fim da necessidade de Deus. Com ingredientes do romance policial, histórico e neogótico, *O Nome da Rosa*, um clássico contemporâneo que com certeza ficará para o futuro, surpreende pela erudição e pela construção narrativa, pelos atos e pelas palavras ponderadas e inteligentes do narrador e do protagonista, pelos momentos líricos como o da união sexual entre Adso e uma jovem andrajosa da comunidade que é atraída, como ratos, pelos restos de comida do mosteiro, pelos episódios trágicos como os das fogueiras em que morrem os não crentes, condenados pelo inquisidor que é chamado para procurar aqueles que alegadamente têm comércio com o Diabo.

José Saramago e Umberto Eco estiveram juntos, como referi atrás, conviveram, respeitaram-se, mas dessa experiência nada nos teria chegado se o segundo não escrevesse o prefácio que serviu de mote a esta minha reflexão, e se o primeiro não se tivesse mostrado grato e partilhado essa alegria com os leitores do blogue e do livro que reúne os textos aí divulgados. Neste artigo não pretendi mais do que salientar o vínculo que perdura nessas palavras, a novidade e a leveza da expressão e das ideias dos dois, a ironia e a inteligência, o sarcasmo e a delicadeza, o acerto de críticas sociais e humanas que visam a melhoria de um mundo onde há de tudo (pobreza, opressão, desigualdade, guerra, inconsciência), exceto uma humanidade verdadeira e globalmente centrada na construção de paz e de bem-estar para todos.

Saramago e Umberto Eco foram intelectuais inconformados com o “espetáculo do mundo” que tiveram e têm uma repercussão mundial cuja origem não está na procura de mediatismo pelo mediatismo. Essa projeção radicou sempre na intervenção cívica em que

muito se empenharam, nos problemas sérios em que se envolveram, nas questões a que trouxeram propostas de releitura. Não foram panfletários, não se inscreveram na linha de homens e de mulheres populistas contemporâneos; foram, e são, porque continuam vivos (na Internet e nos seus livros, nas entrevistas, nos depoimentos), super-homens de massa, no melhor sentido da expressão. Um e o outro, Eco mais otimista, Saramago mais pessimista mas não menos ativo, não foram “apocalípticos” nem “integrados”; pensaram por si, criaram uma rede infinita de comunicação em vários meios e em diferentes suportes (Saramago, perto dos 90 anos, escrevia para um blogue, lembre-se), compreenderam que o interminável caminho para a civilização se constrói com os mais pequenos gestos, dia a dia. Umberto Eco expressou este princípio com uma clareza e uma profundidade que quero destacar, para concluir este meu texto de homenagem a dois intelectuais cuja morte nos deixou mais desprotegidos mas também mais ricos, porque devemos assumir a responsabilidade de prosseguir o seu pensamento e a sua ação:

Negar que uma soma de pequenos factos, devidos à iniciativa humana, possam modificar a natureza de um sistema significa negar a própria possibilidade das alternativas revolucionárias, que só se manifestam num dado momento, na sequência da pressão de factos infinitesimais, cuja agregação (também puramente quantitativa) explodiu numa modificação qualitativa. (Eco, 1991: 70-71)

### **Obras citadas**

Bakhtin, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5.ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

Eco, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. Tradução de Helena Gubernatis. Lisboa: Difel, 1991.

Eco, Umberto. “Um bloguer chamado Saramago”. In: Saramago, José. *O Caderno*. Porto: Porto Editora, 2018, pp. 15-20.

Real, Miguel, e Oliveira, Filomena. “As 7 vidas de José Saramago”. In: *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1356, 21 de setembro de 2022, p. 6.

Saramago, José. *Levantado do Chão*. 20.ª ed. Porto: Porto Editora, 2014.

Saramago, José. *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. 22.ª ed. Porto: Porto Editora, 2016.

Saramago, José. *O Caderno*. Porto: Porto Editora, 2018.

Saramago, José. *Saramago. Os Seus Nome. Um Álbum Biográfico*. Edição de Alejandro García Schnetzer e Ricardo Viel. Porto: Porto Editora, 2022.